

# ESTRANGEIRO AQUI COMO EM TODA A PARTE” UMA ABORDAGEM DOS POEMAS “LISBON REVISITED”, DE FERNANDO PESSOA

---

Aline Carla Dalmutt<sup>\*</sup>  
Maria Natália Ferreira Gomes Thimóteo<sup>\*\*</sup>

**RESUMO:** A “saudade da infância” marca a poesia de Fernando Pessoa, no que ela tem de mítica e de idealização. O objetivo dessa pesquisa é analisar os poemas “Lisbon Revisited” (1923) e “Lisbon Revisited” (1926) de Álvaro de Campos, em suas componentes imagéticas, seus confrontos reveladores do esvaziamento do eu, e da ligação com o processo poético que liga o Modernismo à memória. Examinar o confronto explícito com a cidade de Lisboa depois de generalizar a figura do estrangeiro a todas as necessidades de envolvimento e compromisso social, (poema de 1923). Interpretar os poemas, desde o estranhamento do título e a necessidade de inquirir sobre o processo da heteronímia, o niilismo e a passividade, apesar da ligação com a memória, (poema de 1926).

**PALAVRAS-CHAVE:** Fernando Pessoa; Álvaro de Campos; “Lisbon Revisited”.

**ABSTRACT:** “Nostalgia of childhood” marks the poetry of Fernando Pessoa, as relating to mythical and idealization. The objective of this research is to analyze the poems “Lisbon Revisited” (1923) and “Lisbon Revisited” (1926) by Alvaro de Campos, in his imagistic components, his revealed confrontations of the emptiness of the self and the connection with the poetic process that links Modernism to memory. Examining the explicit confrontation with the city of Lisbon after generalizing the figure of the foreigner to all the needs of involvement and social commitment (poem, 1923). Interpreting the poems, since the strangeness of the title and the need to inquire about the process of heteronymy, nihilism and the passivity, despite the connection to memory, (poem, 1926).

**KEYWORDS:** Fernando Pessoa; Álvaro de Campos; “Lisbon Revisited”.

## A POESIA DA “PLURALIDADE”

Há poesias que surpreendem, outras encantam, há aquelas que tocam o coração e as que estremecem o pensamento, mas também existem poesias que nos inquietam, deixando-nos indisciplinados, incomodados, em lugar de apenas leitores distraídos e satisfeitos. Contudo, a poesia nos torna

---

<sup>\*</sup> Graduanda no curso de Letras Português e Literaturas de Língua UNICENTRO - Universidade Estadual do Centro Oeste Última Titulação: E-mail - adalmutt@yahoo.com.br

<sup>\*\*</sup> Pós Doutorado em Poesia Portuguesa na Universidade dos Açores - Portugal docente UNICENTRO - Universidade Estadual do Centro Oeste E-mail - nthimoteo@gmail.com

mais humanos, com ela aperfeiçoamos nossa criticidade, pois ela nos oferece um outro olhar sobre o mesmo objeto, enfim a poesia tem um grande poder: “a função da poesia é surpreender e encantar, e isso pode até distrair, mas é também inquietar, ou indisciplinar, a fim de nos tornar mais humanos, em lugar de apenas leitores distraídos, encantados e satisfeitos” (MOISÉS, 1998, p. 97).

Toda essa diversidade de sensações que experimentamos com a poesia explica-se devido ao fato dos escritores possuírem virtudes distintas. A virtude da poesia de Fernando Pessoa está no imprevisto, no escândalo do anormal, no choque do paradoxo e, sobretudo, no jogo artístico do *fingimento*. Pessoa é o poeta da pluralidade. Pelo uso da infinidade de linguagens que utilizou nos seus escritos, podemos tomar a opção de perseguir a multiplicidade possível que suas leituras suscitam. Poderíamos atribuir aos textos poéticos de Pessoa o que Roland Barthes escreve do “texto ideal” que seria “a imagem de um plural triunfante”:

a ele se acede por várias entradas, de que nenhuma pode com segurança ser declarada principal; os códigos que ele mobiliza sucedem-se a perder de vista,(..) desse texto absolutamente plural podem os sistemas de sentido apoderar-se, mas o seu número não é nunca fechado, tendo por medida o infinito da linguagem (BARTHES, *apud* SEABRA, 1988, p. 242).

Sedutor, até mesmo irresistível, a poesia de Pessoa nos obriga a enveredar pela via estreita das dificuldades, mas que vai se alargando e amplificando quanto mais nos aprofundamos. Mas, se a linguagem é “a casa do ser” de que fala Heidegger, podemos dizer que a poesia de Pessoa abre infinitamente essa casa, “estilhaçando-a”.

Cada um de seus heterônimos possui uma determinada posição ideológica e artística, além de um modo diferente de escrita. Contudo, as suas personagens são oriundas do desdobramento do “eu”, na sua própria despersonalização. Conforme Eduardo Lourenço profere:

Com Caeiro fingimos que somos eternos, com Campos regressamos dos impossíveis sonhos imperiais para a aventura labiríntica do quotidiano moderno, com Reis encolhemos os ombros diante do Destino, compreendemos que o Fado não é uma canção triste mas a Tristeza feita verbo e com Mensagem sonhamos uma pátria de sonho para redimir a verdadeira (LOURENÇO, p.19 *apud* LUCAS, 1991, p. 74).

O engenheiro Álvaro de Campos, sendo mais uma das muitas ficções que Fernando Pessoa criou, é de fato o poeta da modernidade, aquele repleto das muitas inquietações e perplexidades do homem

contemporâneo. A sua poesia possui dois ritmos fundamentais: um exaltado, elétrico, permeado pela emoção e outro magoado, quase silencioso, expressando o tédio por um mundo que não o aceita, mostrando-se saudoso do seu passado (infância). Ao lermos e analisarmos a sua poesia podemos nos colocar em sintonia com a complexa realidade do mundo hoje e assim, talvez, torná-lo mais habitável e humano.

## A “INVENÇÃO MAIS ÍNTIMA” – ÁLVARO DE CAMPOS

Foi no heterônimo Álvaro de Campos que Pessoa depositou todo o seu “sentir”, eis o seu propósito: “Sentir tudo de todas as maneiras”, chorando o pranto causado por todas as dores. Como diz Eduardo Lourenço, “Campos é o Pessoa mais nu, deixando correr à solta a torrente de angústia que o sufoca. Em parte alguma o poeta ocultou-se menos que em Campos”. (LOURENÇO, *apud* GOMES, 2005, p. 297). De fato, Campos é o retrato melhorado, física e moralmente, do seu criador. Ele teve o papel de viver os males de Pessoa e assim, o libertar. Ana Maria Freitas explica:

Na pessoa de Álvaro, Fernando cometeu todas as irreverências pessoais e políticas de que, na sua própria pessoa, se abstinha, foi anarquista (ele que dizia que o papel de um intelectual ser “um criador de anarquias”), disse todos os palavrões e indecências que os amigos, no café, tinham o cuidado de não pronunciar diante dele para não o chocar (queixa-se disso numa nota de diário), conheceu intimamente mulheres e homens (um tal Freddy, uma tal Daisy, e até relembra uma Mary como o único amor da sua vida) (FREITAS *apud* MARTINS, 2010, p.126).

Em vista disso, Campos é Pessoa mais intenso, mais interessante, mais picante e com mais relevo. Octavio Paz declara: “Campos é o que Pessoa poderia ter sido e não foi. É a impossível possibilidade vital de Pessoa” (PAZ, 1990, p. 213).

Como o poeta Fernando António Nogueira Pessoa possui um grande sentimento ressentido, a “saudade da infância” marca a poesia de Campos, por isso é possível dizer que era, sobretudo na pessoa de Campos que Pessoa revivia frequentemente e com mais ênfase que pela própria voz a sua infância “pavorosamente perdida”, no dizer de Campos. A infância, para Pessoa, “é a possibilidade do bem, da unidade, da inconsciência, da verdade. (...) A violência desse sentimento é tanta que pode ultrapassar o disfarce estético, o “fingimento” e deixar a vida a descoberto, regada de lágrimas verdadeiras” (GOMES, 2005, p. 290). Dessa forma, a infância de Campos é verdadeira, ou seja, é a do próprio Pessoa.

Entretanto, devido ao poeta ter previsto um princípio e um fim a Campos, a “evolução” (termo por Pessoa usado) da ficção “vida e obras do engenheiro”, Teresa Rita Lopes prescreve três fases para esse heterônimo: a do “Engenheiro Sensacionista” (1914-23), a do “Engenheiro Metafísico” (1923-30) e a do “Engenheiro Aposentado”, última fase, em que, segundo a autora, está mais desencantado, guardando a nostalgia. Assim ela o define: “O Campos da última fase vai ser esse coração insone em que tudo dói: o que foi, o que não foi, o que é, o que não é, e também a vasta dor do mundo” (LOPES, 1997, p. 54).

De fato, nas últimas obras Campos cai em profunda depressão, porém em todo o seu trabalho as lágrimas o acompanham, chorando o pranto causado por todas as dores. Talvez a sua poesia não tenha fases em que se possa dividir com tempo assinalado, mas um jeito diferente de expor o que o poeta estava sentindo. No princípio, a imagem da máquina representa a demoníaca loucura do homem tomado de excessos, feito de aço, o homem moderno. Na *Ode Triunfal*, Campos manifesta-se: “Ah, poder exprimir-se todo como um motor se exprime!/Ser completo como uma máquina!/ Poder ir na vida triunfante como um automóvel último modelo!”.

Podemos observar que o poeta despersonaliza-se e sufoca os sentimentos (marca de uma individualidade), metamorfoseia-se numa máquina porque o cenário fabril tem como objetivo produzir manufaturados impessoalmente, de um modo rápido e preciso. Esse espaço do *rrrrrrrr* das máquinas pode ser traduzido pela sensação de raiva, ao nível fônico o *rrrrr* do ranger dos dentes. Por consequência, é possível afirmar que a poesia de Campos representa uma constante náusea da vida, pois em toda sua obra expressa o tédio por um mundo que não o aceita.

Contudo, principalmente no final da sua caminhada a “dor de viver” será substituída pela infância que se afigura para o poeta como *ideal perdido*. Assim, de acordo com Natália Gomes:

Não é só a infância rememorada que provoca nele o pranto, nem a solidão do presente. É todo o estado de coisas atual, a angústia que o acompanha desde sempre, mas que agora, no final da vida, no abandono de qualquer esperança de alegria, essa angústia provoca um choro que vai se transformando em grito, não o mesmo grito histérico que acompanhavam as odes sensacionistas, nem o choro sentido e doloroso do “engenheiro metafísico” de 1923 a 1930, dos poemas terrivelmente pessimistas e melancólicos como *Tabacaria* e *Lisbon Revisited*. No fim da linha dessa vida “cárcere”, podemos ouvir agora alguns gritos roucos, uma vez que toda a força e energia ficaram para trás. (GOMES, 2005, p. 303-4).

Dessa maneira, na “fase” final da sua vida, que também pode ser chamada como “pessimista” ou “depressiva”, os temas abordados recorrem

mais nitidamente a sua desilusão com a vida, pelo cansaço e pela melancolia perante a incapacidade de realizar os seus projetos, pela amargura e a lembrança de um passado para onde nunca mais poderá regressar. Um passado, que avulta como tempo feliz, tempo da alegria, da vida plena partilhada com a família. Surge então a Campos a pergunta: O que tenho sido? E o resultado do retrospecto é invariavelmente negativo, pois depois das grandes aventuras sensacionistas e heroicas surge a depressão, os tópicos de irrealização e da morte, a consciência da solidão e o desencanto com o mundo e com a vida. O próprio Campos demonstra essa consciência da solidão “Estou só, só como ninguém ainda esteve/ Oco dentro de mim, sem depois nem antes”.

Assim, em todas as épocas e em toda a expressão literária de Pessoa presenciamos essa saudade da infância, seja ela de nível histórico, simbólico ou metafísico. Mas, nos últimos poemas de Campos, chamados “autobiográficos”, em que afloram elementos claros de referência pessoal, como em “Lisbon Revisited” (1923) e (1926), entre outros, revela-se uma saudade real que ultrapassa todo o fingimento estético, com confissões autobiográficas.

### “Ó MAGOA REVISITADA, LISBOA DE OUTRORA DE HOJE!”

No poema “Lisbon Revisited” (1923), escrito na primeira vez em que Pessoa retorna de Durban a Portugal há todo um estranhamento do “ninho”. Você deve estar se perguntado, “ninho”, por quê? Porque Pessoa é o poeta de Lisboa. Em toda a obra de Campos encontramos poemas exaltando a cidade, assim Pessoa é Lisboa e Lisboa é Pessoa, afinal Pessoa levou Lisboa à condição de cidade “símbolo” ou “universo”, no qual as vivências mais profundas do poeta encontram ressonância. Em um poema sem nome do engenheiro aposentado, datado em 11 de maio de 1934, vê-se a glorificação da sua sublime Lisboa quando descreve o amplo leque de cores e luminosidades da cidade:

Lisboa com suas casas  
De várias cores,  
Lisboa com suas casas  
De várias cores,  
Lisboa com suas casas  
De várias cores...  
À força de diferente, isto é monótono.  
Como à força de sentir, fico só a pensar. (...)

A cidade de Lisboa é todo um significante para Pessoa. Todavia, todas as cidades tem uma significância, seja no seu traçado, nas suas pedras, nas suas casas, nas suas praças, nas suas ruas, nos seus monumentos, nos seus habitantes em que se inscreve a história da cidade, do seu passado, a fisionomia do seu presente, as ideias e eventualmente, os sonhos dos moradores. Para Roani, “A cidade impõe-se como um livro que os seus habitantes (re) leem e (re) escrevem a cada dia” (ROANI *apud* LOURENÇO, 2003, p. 37).

Contudo, a maneira como Campos revisita Lisboa em 1923 é tudo menos um gesto de reconciliação ou de pacificação poética. Essa fúria e impaciência que a cidade lhe inspira se resume quando o poeta exprime “Ó magoa revisitada, Lisboa de outrora de hoje!”. É nessa condição de estrangeiro que reencontra a mesma Lisboa, onde sempre se sentiu estrangeiro, em que Pessoa estranhamente nomeia o poema “Lisbon Revisited”. Lisboa Revisitada, agora em outra língua, língua essa que não a sua língua mãe – Língua Portuguesa, mas a língua Inglesa, que não pertence a sua Lisboa, ou seja, a casa do poeta não é mais Lisboa, pois ele não a reconhece.

Após esse nomear estrangeiro, o poeta exclama: “Não: não quero nada./ Já disse que não quero nada”, numa total renúncia de ser acolhido ou de aceitar a modernidade e a ciência: “Não me apregoem sistemas completos, não me enfileirem conquistas/ Das ciências (das ciências, Deus meu, das ciências!) -/ Das ciências, das artes, da civilização moderna!”. “Se têm verdade, guardem-na!”. Pessimista, o poeta não quer saber dos outros, não quer que ninguém o incomode, numa tentativa inútil e desesperada de autoexílio: “Assim, como sou, tenham paciência!/ Vão para o diabo sem mim,/ ou deixem-me ir sozinho para o diabo!/ Para que havemos de ir juntos?”.

A falta de identidade em Pessoa é nítida nesse momento em que o poeta mostra-se sozinho. O “eu” do poema parece reduzido à condição desértica de não afirmar a sua individualidade senão na medida em que está condenado. Ele cita as suas próprias palavras na suspeita de que nunca o ouvem, então repete incessantemente “(...) Quero ser sozinho,/ Já disse que sou só sozinho!”.

Depois dessa enorme rejeição às ciências e à civilização moderna, reclamando o direito à solidão e à indiferença, encontramos um momento em que Pessoa recorda a infância como um período de ventura, criando assim uma ilusão de identidade. Ele revê a Lisboa da sua infância sem a reencontrar, a cidade está perdida para sempre e nada é capaz de recuperá-la. Na verdade, é como se nenhuma memória pudesse devolver o passado. Só o “céu azul” ou o rio “Tejo” da sua infância são os mesmos:

Ó céu azul - o mesmo da minha infância -,  
Eterna verdade vazia e perfeita!  
Ó macio Tejo ancestral e mudo,  
Pequena verdade onde o céu se reflete!

Na lembrança do mesmo céu azul da infância refletindo no rio “Tejo” que ainda está igual Pessoa vê um resto do que era seu, a sua identidade. Em Chevalier a figura do céu é representada como sendo:

O absoluto das aspirações do homem, como a plenitude da sua busca, como o lugar possível de uma perfeição do seu espírito, como se o céu fosse o espírito do mundo... Compreende-se que o raio – rasgadura brilhante do céu - seja apropriado para simbolizar essa abertura do espírito que é a tomada de consciência (VIRI, p.108, *apud* CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain, 2007, p. 230).

O céu “azul” sempre intacto, igual ao da infância, acima todas as coisas, onde abaixo tudo passa, é uma verdade que se reflete no rio Tejo, porém igualmente um elemento fiel e antiquíssimo. É nesse momento, quando observa o céu e o Tejo, os mesmos da sua infância, que o poeta toma consciência de que ele não é mais o mesmo.

O “Tejo”, localizado no mesmo lugar, está alheio a tudo, às ciências, à civilização moderna, àquilo que está se passando. Ele é um ponto de verdade onde a cidade pode se espelhar. Assim, segundo CHEVALIER e GHEERBRANT, “O simbolismo do rio e do fluir das suas águas é, ao mesmo tempo, o da possibilidade universal e o da fluidez das formas (F.Schuon), o da fertilidade, da morte e da renovação. O curso das águas é a corrente da vida e da morte” ( 2007, p.780).

O poeta não é o mesmo, a cidade não é a mesma, mas ele vê que o céu e o rio estão iguais, por isso ao serem elementos que pertencem ao passado, são repletos de verdade e vida. Agora, o único sentimento que Lisboa lhe causa é a *mágoa*, a tristeza, o desgosto de não mais ser a mesma “Ó *mágoa* revisitada, Lisboa de outrora de hoje!”.

Portanto, vemos que a infância - sempre - é o seu porto seguro, é a ela que ele recorre como “eterna verdade”, pois ela representa o tempo de felicidade que antecede a dor de pensar, provocada pela consciência. O poeta, estrangeiro na sua terra, não espera mais nada: “Nada me dais, nada me tirais, nada sois que eu me sinta”, ele não a identifica e não se identifica. Quer simplesmente estar sozinho até morrer, pois sabe que não há como ter sua cidade de volta “Deixem-me em paz! Não tardo, que eu nunca tardo, que eu nunca tardo.../E enquanto tarda o Abismo e o Silêncio quero estar sozinho!”.

## “OUTRA VEZ TE REVEJO”, PORÉM NÃO RECONHEÇO...

Na segunda vez em que Pessoa retorna a Lisboa escreve o “Lisbon Revisited” de 1926. Três anos se passaram desde o antecessor “Lisbon Revisited” (1923) em que Pessoa expressa “Não: não quero nada./ Já disse que não quero nada”, contudo é a mesma palavra “nada” que Pessoa exprime já no primeiro verso do poema “Nada me prende a nada”. Em “A Passagem das Horas”, datado de 1923, vê-se o mesmo termo “Nada me prende, a nada me ligo, a nada pertença” também lembrado em “Tabacaria”, de 1928: “ Não sou nada./ Nunca serei nada./ Não posso querer ser nada.”

Esse “nada”, originário do latim *nihil*, retrata a concepção niilista de Álvaro de Campos. A própria expressão Niilismo já denota seu propósito: “A não existência”. É assim que encontramos Campos agora. Para ele toda e qualquer possibilidade de sentido, de significação da existência humana, inexistente. Não há forma alguma de se responder às questões levantadas pelo Homem, desprezando convenções, verdades absolutas, normas e preceitos morais.

As forças e fontes de sentido parecem ter o abandonado, até aquela espécie de energia que reconvertia o “nada” em alimento ou combustível para a máquina repetidamente rejeitada que em Lisbon Revisited (1923) ainda constituía, agora não existe mais.

Em verdade, há todo um caráter intensamente negativo no Lisbon Revisited (1926). O *eu* do sujeito lírico está destruído, frustrado e desiludido de tudo nessa primeira parte do poema, afinal, ele revê-se na sua cidade, tão fantasma quanto ele “Acordei para a mesma vida para que tinha adormecido./ Até os meus exércitos sonhados sofreram derrota./ Até os meus sonhos se sentiram falsos ao serem sonhados./ Até a vida só desejada me farta – até essa vida...”.

Na segunda parte do poema ou nas seis últimas estrofes o poeta dirige-se à cidade “Outra vez te revejo”, mas em seguida pergunta-se se o seu *eu* que ali está é o que ali voltou e que ali tornou a voltar “Eu? Mas sou eu o mesmo que ali vivi, e aqui voltei./ E aqui tornei a voltar, e a voltar./ E aqui de novo tornei a voltar?”. Esse regresso realmente é muito desgracioso, o poeta repete quatro vezes o verbo “voltar”, assim a ênfase desse retorno que faz alusões aos efeitos do prefixo *re* de “Revisited”.

Tanto o poeta quanto a cidade são uma sombra. Ele é um fantasma, um “estrangeiro aqui como em toda a parte” naquela cidade concreta e identificada “Lisboa e Tejo e tudo”. Porém, como a *sua* Lisboa se fraturou: “Partiu-se o espelho mágico em que me revia idêntico”, agora o poeta não consegue se rever pois *sua* cidade sofreu danos, ele passa a ver um bocado de si em cada fragmento: “Um bocado de ti e de min!...”.

Essa visão clara ou obscura da cidade é condicionada a visão clara ou obscura do *eu* do poeta, ou seja, aqui está a tortura metafísica que sempre

perseguiu Pessoa - ortônimo: a dúvida sobre a sua identidade. Indagação que se enraíza na ausência do pai, originando o seu radical sentimento de inexistência do *eu*, do mundo e da vida. Conforme Gaspar Simões observou “a figura do pai não aparece nunca na sua obra”, assim essa rasura do pai na sua obra é devido a uma ferida nunca mais sarada: Pessoa teve a dor de assumir à força o pai desaparecido, de ser de algum modo “o pequeno pai de si mesmo” que o não deixará tocar-se na sua pura realidade de filho (LOURENÇO, 2003, p. 100).

Essa ausência do pai eliminou a possibilidade de identificação com um modelo paterno tornando sem objeto a inconsciente rivalidade. De acordo com Eduardo Loureço: “A ausência do pai desfalcou-o do superego de que necessitava para afirmar o seu, e ao mesmo tempo instalou-o, por pouco tempo, mas decisivo, no tempo exterior e para sempre sem idade, de uma plenitude de poderes fatalmente irreal” (LOURENÇO, 2003, p. 100).

Por isso o problema da vida, o problema do *eu*, que o poeta não só não conseguiu largar nesse passeio frenético e cosmopolita, mas até o trouxe consigo ainda mais carregado de desilusão e pessimismo. A dúvida sobre a sua identidade acaba se confundindo com a dúvida sobre a identidade do mundo “transeunte inútil de ti e de mim, (...)”, assim a imagem da cidade e a imagem do poeta metaforizadas no espelho mágico se fragmentam, tornando-se espelho estilhaçado. Eis a sua fragmentação interior: “Mas, aí, a mim não me revejo!”.

Do mesmo modo, na imagem do “espelho mágico” em que se “revia idêntico” é possível ver a recordação da mãe, a recordação da infância, carente e perdida do poeta, pois, apesar da angústia brotada do reencontro com a cidade: “Cidade da minha infância pavorosamente perdida...”, a capital portuguesa sempre se manifestou de modo emotivo aos olhos e sentidos de Pessoa, dotada de uma série de encantamentos. Conforme Robert Bréchon declara:

Sua Lisboa é um labirinto espiritual, mágico e maldito, por onde ele erra em busca de sensações, de impressões, de verdades, de encantamentos e de metamorfoses. A única saída que poderá revelar-se é o mito. A Lisboa de Pessoa é a de Ulisses, lendário fundador epônimo da cidade (Olisipo), o primeiro “que aqui aportou”. É a de Vasco da Gama e dos demais navegadores da época dos Descobrimientos, os quais partiam do porto de Belém; a de D. Sebastião, o rei encoberto à espera do momento em que irá reaparecer, numa manhã de nevoeiro, no estuário de Tejo, para reatar o destino português e fundar o “Quinto Império” que é a reconquista do sentido da vida (BRÉCHON, *apud* ROANI, 2006, p. 46-7).

Lisboa é para Pessoa um significante aberto, múltiplo, capaz de assumir várias significações, assim Pessoa levou-a a condição de cidade “símbolo ou universo”. No Livro IX da República encontra-se um Diálogo entre Platão e Gláucon acerca dessa *cidade ideal*: “Compreendo. Tu falas da cidade cujo plano traçamos e que se fundamenta apenas nos nossos discursos, visto que, tanto quanto sei, não existe em parte alguma da terra” (PLATÃO, p. 319 *apud* ROANI, 2006, p. 47). Entende-se que Lisboa é essa *cidade ideal* de que Platão e Gláucon falam afinal, Pessoa dialoga demasiadamente, traçando ideias e fantasias a *sua* Lisboa.

Contudo, ao regressar à *sua* cidade o poeta sente-se perdido e disperso levando-nos a conclusão de que o *eu* que o poeta agora queria ser, era o *eu* que ali viveu, o *eu* da infância. Esse regresso confunde-se com o único modo de vida possível tomando conta de todos os sentidos possíveis da palavra “vida”. Por isso, o vital transforma-se em ruína no segundo e derradeiro verso da antepenúltima estrofe “(...) castelo maldito de ter que viver...”.

## CONCLUSÃO

Os trinta e cinco versos do poema 1923 são retomados em *Lisbon Revisted* em 1926, quando se estabelece um diálogo entre os dois. O poeta, como um arqueólogo, volta a escavar a sua cidade que não mais reconhece em busca de si mesmo, encontrando apenas os restos estilhaçados do sido e do vivido. Não é mais possível no agora sonhar com a inteireza que havia outrora, restando apenas a saudade da infância que se justifica porque ele a reconhece como possibilidade do bem, da unidade, da inconsciência e da verdade. O desgosto que Pessoa possui por tudo que é presente e imediato, o profundo “desencanto do presente” também auxilia na lembrança do passado saudoso, uma vez que prefere o “não-aqui e não-agora”. Por consequência, a saudade idealiza a distância – passado, para compensar o desencanto do presente.

Contudo, apesar da continuidade aparente, adivinha-se um conflito entre os poemas, pois as declarações violentas e revoltadas são substituídas por uma maior passividade no segundo poema. A atitude discursiva do primeiro poema já não é a mesma, no segundo poema a rebeldia deu lugar ao tédio. A certeza anterior de não querer nada agora foi substituída pela ânsia de algo que não se sabe bem o que é. Um eu angustiado e desiludido constata que:

**Fecharam-me todas as portas abstratas e necessárias.**

**Correram cortinas por dentro de todas as hipóteses que eu poderia ver da rua.**

Não há na travessa achada o número de porta que me deram.

Acordei para a mesma vida para que tinha adormecido.  
Até os meus exércitos sonhados sofreram derrota.  
Até os meus sonhos se sentiram falsos ao serem sonhados.  
Até a vida só desejada me farta – até essa vida...

A porta é uma metáfora da tensão entre o real e o sonho, o limite entre a “*vida desejada*” e aquela que o faria um sujeito “*casado, fútil, quotidiano e tributável*”. Mas, não é apenas isto: a chave que abria as portas necessárias ficou perdida no outrora. À medida que se escreve uma reflexão acerca do próprio ato da escrita. Sendo assim, percebe-se que houve uma queda daquela criação poética que tinha na concepção infantil um modelo para a sua realização. Agora, não escreve mais a partir da concepção de mundo infantil, agora é somente o adulto nostálgico dos sonhos de criança, mas preso na teia das convenções sociais.

Portanto, os poemas *Lisbon Revisted* (1923-1926) revelam uma fragmentação interior e esfacelamento, seguidos de um divórcio com a cidade revisitada. Essa revelação encontrada atrás da máscara Álvaro de Campos ajuda-nos a reconhecer, mais ou menos facilmente, uma ou mais feições do mesmo rosto: o de Fernando Pessoa.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, A. *Saudade e Profetismo em Fernando Pessoa*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia de Braga, 1983.

BACHELARD, G. *A poética do espaço*. Tradutor: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BORREGANA, A. *Fernando Pessoa e Heterónimos*. Lisboa: Texto Editora, 1997.

BRÉCHON, R. *Estranho estrangeiro: uma biografia de Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro: Record, 1998, p.18.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos* (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). 21ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympo, 2007.

GOMES, A. C. “O poeta que perdeu as graças com as Musas.” In: *Fernando Pessoa, as muitas águas de um rio*.

GOMES, N. *O sonho e a máscara. Antero de Quental e Fernando Pessoa*. São Paulo, Ed. Scortecchi, 2005.

GONÇALVES Fº, José Moura. “Olhar e memória”. In: *O olhar*. Org. Adauto Novaes. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

- LOPES, Teresa Rita. *Álvaro de Campos: Livro de Versos*. Lisboa: Editorial Estampa 1997.
- LOURENÇO, E. “Álvaro de Campos I ou as audácias fictícias de Eros”. In: *Pessoa Revisitado*. Portugal: Gradiva, 2003.
- \_\_\_\_\_. “Álvaro de Campos II ou a agonia Eróstrato-Pessoa”. In: *Pessoa Revisitado*. Portugal: Gradiva, 2003.
- LUCAS, F. “O drama do ser em Fernando Pessoa.” In: *Fontes Literárias Portuguesas*. Campinas: Pontes, 1991.
- \_\_\_\_\_. “O infinito espelho de Fernando Pessoa.” In: *Fontes Literárias Portuguesas*. Campinas: Pontes, 1991.
- MARTINS, F. C. ***Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português***. Coordenação de. Fernando Cabral Martins. São Paulo, Leya, 2010.
- MOISÉS, C. F. *Poemas de Álvaro de Campos de Fernando Pessoa. Roteiro de Leitura*. São Paulo: Ática, 1998.
- PAZ, Octavio. “Fernando Pessoa, o desconhecido de si mesmo.” In: *Signos em Rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- PESSOA, F. *Obra Poética/Obra em Prosa*. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 1990
- \_\_\_\_\_. *O Livro do desassossego*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.
- ROANI, G. “Lisboa, em Pessoa, ou das Paisagens Desassossegadas”. In: *Revista Letras*, Curitiba, n.69, p. 33-51, maio/ago. 2006. Editora UFPR.
- SEABRA, J. *Fernando Pessoa ou o poetodrama*. Lisboa, IN/CM, 1988.